

IRMÃOS ANICETE

Cinco mentes, almas e corações em um espetáculo de som e imagem



Antônio, Raimundo, Cícero, Jeová e Adriano são categóricos: "Enquanto os Anicete existirem o folclore não se acaba no Brasil."

Essa bandinha, ela é som, imagem e espetáculo." Às palavras sábias de seu Raimundo, tomo a liberdade de acrescentar: é também mente, alma e coração, essa bandinha. Cinco mentes, cinco almas e cinco corações. Personalidades distintas, que reúnem o novo e o velho, o modesto e o orgulhoso, o antigo e o moderno, a fama e a humildade, o passado e o futuro. Extremos opostos no passo acertado do trancelim da vida.

O som, a imagem e o espetáculo, assistimos no entardecer de um destes sábados, enquanto o sol se escondia atrás da Chapada do Araripe. Nos mil tons do pífaros, a herança milenar dos Índios Cariri. Na batida contagiante da caixa e da zabumba, a lembrança do velho José Lourenço, o "Anicete", que abençoou com o dom da música as gerações descendentes da família Silva. No chiado metálico do prato industrializado, a liberdade de inovar, pois a tradição

não se presta a camisa-de-força.

Ainda com o som em algum lugar entre o tímpano e a alma, com a imagem da dança na mente e o espetáculo brilhando nos olhos, sentamo-nos em torno de uma mesma com o heróico intuito de desvendar as mentes, as almas e os corações de Raimundo, Antônio, Cícero, Jeová e Adriano. O brilho dos olhos foi aos poucos dando lugar à tensão das mentes e nos perdemos em algum lugar entre o discurso e a ação.

O mundo, talvez, fosse maior que o abraço de nossas pernas. Talvez, esses cinco seres-universo não coubessem nos tópicos de nossa pauta. Ou ainda, talvez não tenhamos conseguido ser um em nove, assim como os Irmãos Anicete são um em cinco.

Mas as palavras são mágicas. Porque também elas podem ser som, imagem e espetáculo. Basta que sigam seu caminho natural: sejam recebidas por uma mente, sentidas por uma alma e tomem as asas da imaginação para aterrissar num coração. Do som magnético dos gravadores às páginas desta revista, as palavras dos cinco músicos revelaram uma riqueza que pode ter passado despercebida na tensão da entrevista. Das páginas da revista ao coração de vocês, elas podem se transformar de novo em espetáculo.

Nas linhas e entrelinhas, nas palavras simples e nas frases não terminadas, no discurso pronto e nas informações confusas, as cinco personalidades revelam-se a conta-gotas. A simplicidade de seu Raimundo contrasta com a pouca-modéstia de seu Antônio. A timidez de Cícero e Jeová tem seu oposto na desenvoltura de Adriano. A sabedoria dos mais velhos se realiza na confiança dos mais novos.

São palavras de mentes que viajam o Brasil, mas têm o coração fincado no solo do Cariri. Solo que é sinônimo de vida: lá estão plantados a longínqua tradição indígena, a memória do pai-índio de orelha grande e da mãe-cabocla trabalhadeira, a timbaúba para a zabumba e a taboca para o pife.

São palavras de quem se acostumou a frequentar as páginas dos jornais e das teses científicas enquanto lida diariamente na roça, trabalhando na terra alheia. De quem gosta de se apresentar entre luzes para milhares de pessoas, mas não se acanha em animar a festa de renovação da casa vizinha.

Faço um pedido àqueles que prosseguirem a leitura: deixem-se envolver pelas palavras. Por cada uma e por todas elas. Tentem escutar o som dos pífaros, a batida da zabumba e o chiado dos pratos. Tentem ver a imagem da dança. Transportem-se para o pé-de-serra e sintam o ar do Cariri nos pulmões. Libertem a mente, preparem a alma e abram o coração: o espetáculo vai começar.

Entrevista com Irmãos Anicete, dia 05/06/99.

Produção, redação, edição e texto final:

Alessandra Marques, Amauri Arrais e Clarisse Furlani.

Texto de abertura: Clarisse Furlani.

Participação:

Alessandra Marques, Amauri Arrais, Carolina Soares, Clarisse Furlani, Daniel Brandão, Fernando Lira, Igor Câmara e Klycia Fontelene

Foto: Igor Câmara

Clarisse - *Eu queria pedir pro seu Raimundo e pro Seu Antônio, que são os mais velhos, começarem falando da formação da banda, da época do pai de vocês.*

Raimundo - Pois não. Pessoal, boa tarde! (*todos respondem*). Aqui se apresenta a bandinha dos irmãos Anicete, daqui de Crato (*município do sul do Ceará, a 579 km de Fortaleza*), que hoje tá comemorando aqui esse convite e a gente veio comparecer. Essa bandinha vem de meu pai, isso é uma raiz que meu pai deixou pra nós. Aí nós vem continuando com essa bandinha. Essa bandinha já andou quase o Brasil todo, com esses componentes, a gente já andou se apresentando em quase no Brasil todo. Já vamos com doze viagens de avião, e já vamos conhecendo um pouco do mundo, viu? Aí a bandinha é alegria, tá sendo a alegria do nosso Brasil, essa bandinha. No lugar que tá meio triste, essa bandinha chegando anima, que ela é gostosa, viu? (*ri*)

Igor - *Mas, seu Raimundo, como é que foi a formação da banda? Como é que foi que começou?*

Raimundo - Essa bandinha, é o seguinte: ela começou com meu pai. Meu pai quando começou, tinha outros componentes, tinha uns amigos dele. Aí foi chegando os filhos, aí foram aprendendo, né? E de fato que hoje, pai morreu, com 104 anos de idade, aí deixou essas raízes, deixou os filhos pra continuar com a bandinha. Aí ele dizia - que eu ainda assisti ele dizer: "Meu filho, quando eu morrer, não deixa a bandinha cair, que eu tenho muito filho, aí vai passando de um pra o outro". Aí, do mesmo setor, a gente vem passando. Já morreu dois irmãos, mas a bandinha tá continuando, viu? Eu sou irmão de Antônio, esse aqui (*aponta para Cícero*) é filho de João, já é sobrinho nosso, esse aqui (*aponta para Jeová*) também é sobrinho, e Adriano também já é filho de Antônio. E a gente vem continuando com a bandinha.

Fernando - *Seu Antônio, 104 anos o seu pai, né? Qual é o segredo dessa alegria? Qual foi esse segredo de tanto tempo de vida?*

Antônio - Rapaz, o segredo é o seguinte: é porque, quando ele existiu, a gente tocava junto com ele, isso pra nós foi uma alegria muito grande que nós tivemos em essa banda ter surgido no Brasil, né? Aí nós somos os continuadores das raízes, e nós tamos continuando com esse folclore, pra não deixar essas raízes se acabarem, né? E nós temos o máximo prazer de

incentivara nossa banda e nós queremos que o pessoal incentive também pra essa banda não se acabar. Nós temos o máximo prazer dessa banda ir pra frente, se Deus quiser. É tanto que eu tenho dito: "Enquanto os Anicete existirem, o folclore não se acaba no Brasil". Porque cada vez nós tamos com alegria e com aquele máximo prazer de tanger essa bandinha pra frente, pra não deixar se acabar. Aí, tem muita gente por aí que fica dizendo: "Eu sou os Irmãos Anicete" - que nós gravamos agora um CD, e tudo mais - e o povo fica com os "óião" e tem deles aí, tem muitas bandas, mas eles querem saber tocar. Mas ele toca aí de qualquer maneira, e nós entende um pouquinho. Aí eles ficam com o "oió" desse tamanho.

“A bandinha é alegria, tá sendo a alegria do nosso Brasil, essa bandinha. No lugar que tá meio triste, essa bandinha chegando anima, que ela é gostosa, viu?”

Aí tem gente que diz: "Eu sou os Irmão Anicete" (*afinando a voz*), mas não é. Os Anicete é nós. Muito obrigado.

Klycia - *Seu Antônio, me diga uma coisa: de onde vem o nome Anicete? Era um apelido do país de vocês? E o que significa?*

Antônio - É um apelido. Significa... É porque nós moramos aí num pé de serra, aí tinha um velho que botou esse apelido em pai, de Anicete, e nós ficamos tudinho por Anicete, por apelido.

Fernando - *Seu pai, Raimundo, era índio?*

Raimundo - Era índio.

Fernando - *E vocês se consideram índios?*

Raimundo - Nós já somos já por segundo ou terceiro (*ele se refere a uma segunda ou terceira geração*), por aí, né? Que o meu pai era índio, o meu pai tinha a "oreia" grande, nossa "oreia" já é miudinha. Já mãe não era índia, mãe era uma "cabocinha", não sabe? A "oreia" de mãe era bem miudinha, mas a "oreia" de pai dava quase uma chave, a "oreia" era grande (*todos riem*). Era índio. Tinha uma raça boa de índio.

Clarisse - *Mas fora a orelha, o*

que fazia ele ser índio? Ele tinha tradições?

Raimundo - Não, porque as tradições nossas são as mesmas dos índios, os índios Cariris (*etnia já extinta que habitava a Chapada do Araripe e regiões próximas. Tidos como excelentes músicos*). As nossas tocadãs, tudo é pé-de-serra, tudo provem dos índio, já vem de longe.

Clarisse - *As danças também?*

Raimundo - É, as nossas danças já foi pai que ensinou a nós dançar. Esse trancelim (*dança regional*) já vem de muito longe, né? Vem de meu pai.

Klycia - *E a tocar instrumentos? Ele também ensinou a vocês?*

Raimundo - Agora é que os instrumentos nossos são feitos de madeira, e os instrumentos dos índios, antigamente, eram de cabaço (*ou cabaça. Fruto da cabaceira, que depois de seco e limpo interiormente, se presta como recipiente de líquidos*), da roça, que hoje o povo chama moringa, pra carregar água, plantava na roça. Aí devido a um pluralzinho que o cabaço tem, a gente não explica o cabaço, chama cabaçais, tem um femininozinho pelo meio, que o negócio mudou, né? Mas o costume mesmo era cabaçal, mas hoje a gente não pode falar no cabaçal não, que o povo ignora. Aí nos botamos o nome da banda de cabaçais, que pega um pluralzinho, né? Aí pronto. (*Seu Raimundo se confundiu, pois o nome da banda é Banda Cabaçal dos Irmãos Anicete. Na pré-entrevista, Seu Raimundo explicou que a confusão em torno do nome se dá porque o termo cabaço também se refere ao hímem, à virgindade das mulheres*)

Antônio - Porque esses índios, esses índios Cariris faziam os cum-bucos de cabaça, que chama moringa, mas eles não tinham os pífaros (*ou pífanos. Instrumento de sopro, semelhante a uma flauta. Do italiano 'piffero'. A forma popular é pife ou pifo. As bandas cabaçais também são conhecidas como 'banda de pífano'*), eram umas gaitas. Eles botavam os couros, e se divertiam: "Tum tundum tundum, tundum" (*imitando o som dos instrumentos*), sem pífaro. O nosso hoje tem pífaro, prato, mas eles era só o bumbo, sem pífaro. Ainda hoje tem o piado deles na televisão, de vez em quando aparece eles piando aquela gaita.

Igor - *Mas quem começou com os pífaros foram vocês?*

Antônio - Foi nós.

Raimundo - Foi meu pai. Já vem



Novo entrevistados e cinco entrevistados. Essa particularidade era a principal preocupação dos alunos, desde o início do trabalho.

Segundo o professor Ronaldo Salgado, essa situação foi *sui generis* não só na Revista Entrevista, mas em toda a sua carreira jornalística.



O primeiro contato da produção com os Irmãos Anicete se deu com mais de um mês de antecedência, através do radialista Elói Teles de Moraes, o empresário informal da banda.

de meu pai.

Carolina – *E como é que vocês mantêm essa tradição, da música, da musicalidade, das danças?*

Raimundo – Bem, é o seguinte...

Carolina – *Vocês não se consideram mais índios?*

Raimundo – Não. A gente pode ter até a raça que meu pai tinha, né? Aí a gente, devido ao número de tocada que a gente conhece, tudo, a gente tem também, né? A gente não é limpo não. A gente tem a...

Antônio – *(interrompe)* É uma mistura, né?

Raimundo – É uma mistura. É.

Antônio – Aquelas danças que eles fazem, aqueles pulos que os índio fazem, a gente faz mais. *(ri)*

Igor – *Mas a música? Vocês falam das mesmas coisas que o pai de vocês falava?*

Raimundo – É, tem muitas que é de pai, e tem muitas que é nossa, d'agora mesmo. É o seguinte, essa bandinha nós faz na hora, quase não tem nada, quase de ninguém, de zabumbeiro nenhum aqui encostado não. Tudo é nosso. O que nós fizer, é nosso mesmo...

Antônio – ...é nossa criação...

Raimundo – Nós faz na hora, viu? É da roça, provém da roça, viu? É o marimbondo *(uma dança)*, é o caçador e o cachorro e a onça *(refere-se à música "O ca-chorro, o caçador e a onça", quinta faixa do CD)*, é O pulo da cobra...

Antônio – ... O casamento da acauã com o gavião *(sétima faixa do CD)*...

Raimundo – O casamento da acauã com gavião, tudo é coisa nossa. A briga do Severino Brabo, tudo é da gente, não sabe?, que é com duas peixeiros.

Fernando – *Severino Brabo, quem é esse Severino?*

Raimundo – Severino Brabo foi um homem que tinha aqui no pé da serra, antigamente, que era muito valente. Aí, quando ele não achava com quem brigar, brigava sozinho, metia a faca pra cima... *(risos)*. Aí eu aprendi. Quando os meninos tocam o baião eu bato demais faca e saio dando um trocado bonito, viu?

Fernando – *E os meninos, os mais novos, eles lembram do avô? Têm alguma referência?*

Raimundo – Ainda. Eles ainda alcançaram a vida de pai ainda, viu? É, ainda alcançaram.

Clarisse – *O que vocês lembram?*

Adriano – Eu ainda me lembro do meu avô...

Antônio – *(Interrompe)* Ele era

muito pequeno...

Raimundo – Já tá com vinte anos que ele morreu, é.

Adriano – Fui muito na casa dele. Até no dia que ele morreu eu me lembro. Mas só que ele não tocava mais não.

Antônio – Aí se alguém procurar: "Menino, vocês tocam a música de outros alguém por aí?" Nós toca. Mas nós gostamos mais de representar o que a gente aprendeu, o que a gente sabe...

Raimundo – *(falando ao mesmo tempo)* A música do folclore, a música do folclore tudo é nossa, viu?

Antônio – ...mas a gente toca, Luiz Gonzaga... *(cantor pernambucano, já falecido, conhecido como o*

“Severino Brabo foi um homem que tinha aqui no pé da serra (...) que era muito valente. Aí, quando ele não achava com quem brigar, brigava sozinho, metia a faca pra cima”.

“Rei do Baião”. Uma das maiores referências da música nordestina, autor de sucessos como “Asa Branca” e “Assum Preto”.

Raimundo – ...aí nós toca também forró a noite todinha...

Antônio – ...toca forró, toca pra dançar...

Raimundo – ...pra dançar. Às vezes nos vamos fazer um show e, quando nós termina, tem um recinto assim que nem esse salão aqui, aí o pessoal dança até de manhã, nós tocando... Só forró, coisa boa, viu?

Fernando – *Quem foi que descobriu os irmãos Anicete?*

Raimundo – Quem descobriu os irmãos Anicete? *(pausa)* Rapaz, quem descobriu os irmãos Anicete, pelo seguinte... Foi o público mesmo, sabe? Que a gente começou a tocar, nós não tem lembrança do descobrimento, não.

Fernando – *Assim, quem foi que viu que vocês eram importantes?*

Antônio – Já vem de muito longe...

Raimundo – Ah, já vem de muito longe que nós fomos descobertos, né?

Clarisse – *Vocês falaram muito do pai de vocês. Eu queria que vocês falassem um pouco da mãe, também.*

Raimundo – Eu falo... A minha mãe morreu com 102 anos, quase acompanha meu pai na idade, não sabe? Aí, era uma velha muito trabalhadeira, era uma coisa cem por cento. Era uma lindeza, minha mãe, ela morreu. Ainda hoje eu sinto, que a minha mãe morreu, não sabe? E as irmãs era o seguinte: tinha duas irmãs que tocavam, também, na bandinha. Uma morreu e hoje a outra tá em Juazeiro *(Do Norte, município cearense, vizinho ao Crato, que fica a 557 km de Fortaleza)*. Ela toca bem, também, na bandinha, na hora que faltar um, um não tiver, ela comparece.

Clarisse – *Pode tocar mulher na bandinha?*

Raimundo – Pode, pode, pode. Aí nós tinha duas irmãs que tocavam, bem. Não fazia viagem pra fora não mas tocava em renovação... *(festa religiosa tradicional no interior do Nordeste. A renovação é realizada uma vez por ano, em cada casa, em datas diferentes)* Uma tocada parada, né? Elas tirava uma noite todinha, tocando.

Alessandra – *Seu Antônio, da época em que seu pai era vivo, que outras lembranças, além da música, o senhor tem? Como era o convívio do pai com os filhos? O que você achava do seu pai?*

Antônio – Ói, nós acompanhava, e era uma admiração, nós com dez anos, nós começamos a tocar com dez anos. E nós acompanhava pai, pra essas festas religiosas, que aqui, nós leva o santo pra igreja, aí lá manda o padre batizar. Aí a gente vai, faz a entronização. Naquele tempo, que a gente manda entronizar, de ano em ano, aí a gente faz a renovação, nós chama a Renovação do Coração de Jesus. Que é a semelhança de Jesus. Aí fica fazendo todos os anos. Esse pessoal de pé-de-serra gosta muito de fazer as renovações, e nós era quem tocava - ainda hoje nós toca - e era uma admiração maior do mundo que o povo tinha de nós, garotinhos, acompanhar pai, eu já tocando um dozinho maior, um ré menorzinho, era uma admiração do povo, e nós tinha aquela satisfação grande de acompanhar.

Clarisse – *Já desde criança vocês têm contato com a música?*

Raimundo – Eu comecei a tocar com oito anos de idade.

Antônio – E eu com dez.

Klycia – *E vocês sabem quem ensinou ao pai de vocês? Vocês falam que aprenderam com o pai. E ele?*

Antônio – Foi. Nós não sabe não, que isso já vem de muito longe. Quer

Durante a produção, além de seu Elói, foram ouvidos o músico Calé Alencar, a jornalista Eleuda de Carvalho e o professor e guru Gilmar de Carvalho.

dizer que de pai pra nós, que eu sou de 32, Raimundo de 34. Ele morreu com 104 anos, quer dizer, eu já tô com 66, quer dizer que faz isso 169 anos de pai pra nós, que a banda já vem. (*Seu Antônio exagera, tentando calcular a idade da banda. Na verdade, não se pode apontar uma data com exatidão. A banda teve início com o pai de Seu Antônio, mas segue raízes seculares.*)

Alessandra – *E como era que o pai de vocês fazia pra ensinar? Como é que ele ensinava a música?*

Antônio – Ele tocava e ensinava, e nós ia aprendendo, o que ele tava tocando nós escutava, e gravava e tocava. Até que nós aprendemos.

Clarisse – *E os meninos, os mais novos, como é que começaram a entrar na banda? Como é que começaram a se interessar?*

Adriano – Da mesma forma. Nós entramos agora há pouco tempo, tem pouca história pra contar e tem muita, ao mesmo tempo. A gente sempre acompanhou eles, desde garotinho, também. Toda renovação a gente ia mais eles. Era ali escutando eles tocando, a gente sentava ali perto, ia escutando, escutando... Todos nós daqui, a gente sempre tem aquela vontade, quando a gente quer uma coisa, aquela vontade por dentro, de aprender. Eu sempre ia, que eu achava muito bonito acompanhar. Eu gostava muito, não perdia nenhuma Renovação... Escutava, e pegava o pife em casa, começava a tocar e chegava pra perto, escutando. Sempre tive aquela vontade, né? Eu sabia que ia passar pra mim, mesmo, aí continuei. Só que, até um tempo desse, antes de eu tocar a zabumba aqui, eu tinha um trio (*tipo de conjunto musical que existe no Nordeste, formado por zabumba, sanfona e triângulo ou pandeiro*), tocava mais forró, essas coisas... Mas sempre sabendo que um dia - que é de pai pra filho - ia tocar nessa banda. Aí eu entrei, agora há pouco tempo. A maior satisfação que eu tenho é andar mais eles e gostar e divulgar o trabalho da gente, folclore, e as coisas regionais.

Igor – *E vocês já tinham a intenção de fazer apresentações para o público?*

Raimundo – Já. Já veio de meu pai. Que meu pai fazia aqueles espetáculos, aí vinha ensinado a nós, quando nós chegava num recinto, numa Renovação, numa igreja, aí nós chegava com a *Marcha de Chegada* (*primeira faixa do CD*), né? Ele ensinava: "Meu filho, vamos chegar com a *Marcha de Chegada*". Aí, ainda hoje nós temos a *Marcha de Chegada*, pro recinto,

né? Tem a *Marcha de Chegada*, "de Saída" (*Marchas Saideiras, vigésima, vigésima segunda e vigésima quarta faixas do CD. Todas as apresentações têm início com a Marcha de Chegada e são encerrados com a Marcha de Saída*), tudo foi meu pai que ensinou.

Igor – *E como é que o público recebia, aqui?*

Raimundo – Ave Maria, é uma maravilha! Quando a gente parava a *Marcha de Chegada* aí a palma batia logo, que a gente era uns garotinhos pequenos, aí era bonito, viu? Aí a gente incentivou a bandinha, ainda hoje nós tamos incentivando a bandinha. Graças a Deus, nós tem que ir longe, viu?

“Esse pessoal de pé-de-serra gosta muito de fazer as renovações, e nós era quem tocava (...) era uma admiração maior do mundo que o povo tinha de nós, garotinhos, acompanhar pai”

Amauri – *Seu Antônio, a fabricação dos instrumentos, vocês aprenderam desde criança?*

Antônio – É nós que faz. Zabumba, a caixa, é ele que faz, Raimundo. Eu faço os pifaro também, ele (*Raimundo*) também faz.

Raimundo – Nós só não faz os pratos, mas o resto tudinho é a gente que faz.

Adriano – O instrumento e a música que a gente toca, também quem faz é a gente.

Antônio – Tudo é coisa da gente, tudo.

Raimundo – Esse conjunto, é o seguinte: nós somos iguais, o que um faz o outro faz também. Eu toco o pife, esse toca, aquele toca, aqui tudo troca de um pra outro, não sabe? Quando um tá cansado, um pega, outro pega...

Fernando – *Mas na apresentação, vocês...*

Raimundo – (*interrompe*) É, na apresentação tem que fechar só eu e Antônio (*nos pifaros*).

Adriano – Mas numa renovação, que a gente for, aí um toca um pedaço o pife, pega o outro, aí troca, vai trocando até terminar a renovação. Termina onze, doze da noite, aí a gente vai

embora.

Raimundo – Agora, Antônio é o maestro dos pife. Ele é o primeiro pife e eu sou o segundo. Esse aí, dentro do Brasil, nós não achamos ainda um camarada pra derrubar ele em totalidade de pife, não.

Antônio – Não tem não. Não tenho nem medo. (*todos riem.*)

Igor – *Mas quando começaram os primeiros shows comerciais, pagos?*

Raimundo – Não, a gente quase que nunca tocou de graça não. Que uma renovação, a gente vem tocando numa renovação, aí meu pai, nesse tempo ajustava por dez tons, mil e quinhentos, cinco mil réis, aí foi subindo, foi subindo. Já hoje nós toca numa renovação por cem, cem reais, né? Cento e cinquenta, conforme a distância, ainda vem no mesmo limite, ainda.

Klycia – *Eu queria voltar só um pouquinho. Queria que vocês falassem um pouco de como é feito o instrumento, a madeira...*

Raimundo – Pois não. A madeira de nós fazer zabumba é de timbaúba (*árvore leguminosa, de madeira branca e mole, mais encontrada em florestas pluviais*). É feita de um pau que nós tem aqui, se chama timbaúba, que é uma madeira mole, é boa da gente perfurar ela. É um rolo grosso, pra poder dar um zabumba, é grosso. Aí a gente fura um burquinho assim no meio, não sabe? Aí vai afundando, e vai descendo, vai descendo, vai descendo, até quando fica dessa finurinha aqui, ó (*mostra a espessura do aro no instrumento, cerca de um centímetro*). Até quando fica nesse setor, ao todo, não tem emenda não. Essa madeira, ela não compõe emenda não, é um rolo só, não tem emenda não.

Klycia – *Vocês fazem isso com fuca?*

Raimundo – É com facão, com serrote. A gente bem não tem a ferramenta da gente cultivar, né? Aí a gente trabalha com facão, com serrote véi, com machado... Nós não tem currupeiro (*furadeira*) nem essas coisas, nós não tem não.

Alessandra – *Quanto tempo demora pra ficar pronta uma zabumba dessa?*

Raimundo – É um mês. Pra fazer uma bandinha é um mês todinho

Alessandra – *O pife é mais rápido?*

Raimundo – Não, o pife é ligeirinho, de um dia pra outro a gente apronta. Que o pife a gente não faz só um, só um pife gasta cinco minutos,



A colaboração do aluno Pablo Assumpção foi essencial. Ele estava pesquisando sobre os Anicete para sua monografia, e já era autoridade no assunto.

Irmãos Anicete ou Irmãos Aniceto? A produção resolveu chamá-los de Anicete. É esta a maneira que os entrevistados adotam.



No dia da discussão da pauta, a jornalista Eleuda de Carvalho disse que Anicete foi a forma imposta pela mídia. Por quê? Não se sabe.

né? Mas a gente, quando vai fazer, faz é de cinquenta pra lá, logo. (o pife é feito de taboca, madeira oca semelhante ao bambu. Depois de seca, a taboca é furada com ferro quente e uma das extremidades é tampada com cera de abelha.)

Fernando – Vocês fazem instrumento pra vender?

Raimundo – É, faz. Isso a gente vende.

Fernando – Vende zabumba também?

Raimundo – Vende, vende a bandinha completa. Vai o zabumba e a caixa e um casal de pife. Já vai no ponto de tocar.

Antônio – E aqui, eu fabriquei isso daqui, aí eu tô trazendo, que é pra vocês darem uma ajuda a gente. (Nesse momento, seu Antônio pegou uma caixa com vários pífaros que havia feito para vender nessa ocasião).

Fernando – Fazendo comercial, né?

Clarisse – A gente pode ver isso no final, tá?

Antônio – Aqui é nós que faz.

Clarisse – Vocês já foram filmados pelo Rosenberg Cariry (cineasta cearense que dirigiu, entre outros, o longa-metragem *Corisco e Dadá*. Rosenberg foi um dos primeiros pesquisadores dos Irmãos Anicete, realizando em 87 o documentário *Irmãos Anicete – Pífaros e Zabumbas*), vêm sempre grupos como o da gente entrevistar vocês. Vocês lembram quando isso começou? Quando começou a vir gente de fora pra se interessar pelo trabalho de vocês?

Raimundo – Menina, é o seguinte: eu me lembro de 58 pra cá. A primeira viagem nós fizemos ao Rio Grande do Sul em 60. Aí ficamos saindo, pra fora. Aí fomos Rio Grande do Sul, Recife, Rio, São Paulo, Brasília, e Roraima e Ponta Grossa (*Paraná*)... Já o Brasil quase todo. Só não saímos do Brasil ainda, mas andou bem pertinho

Fernando – O que essa banda tem de diferente das outras?

Raimundo – Essa banda tem revolução, não sabe? Essa bandinha, ela tem som, imagem e espetáculo. E muitas bandinhas têm só o som, mas ninguém tem espetáculo de nada.

Fernando – E o espetáculo, o que é?

Raimundo – É brincadeira.

Adriano – O espetáculo é, tomando a palavra dele, é divulgando o trabalho da roça, a gente tira da roça o trabalho. Aí vai e divulga nos shows. O trabalho, o espetáculo, foi criado baseado em fatos reais.

Raimundo – É, exatamente, é. Mas tem muitas bandinhas aqui, mas só tocam mais é sentado, que nem nós tamos aqui. Não tem revolução nem nada. Aí pronto.

Carolina – Vocês ensaiam?

Raimundo – Nós ensaia, ensaia. De tempos em tempos nós ensaia. E nós chegando assim num recinto, se muitas bandinhas já fizer o que nós tamos fazendo... Que muitas bandinhas hoje faz o que nós faz, né? Que já aprenderam com a gente, mesmo. Nós nunca aprendemos nada com ninguém, mas o que é da gente o povo toma de conta, faz que nem Patativa do Assaré (poeta cearense da cidade de Assaré. Aos 90 anos, Patativa é ícone da poesia popular e seus cordéis

“Esse conjunto, é o seguinte: nós somos iguais, o que um faz o outro faz também. Eu toco o pife, esse toca, aquele toca, aqui tudo troca de um pra outro, não sabe?”

são conhecidos em todo o Brasil). Que o Patativa fez uma proclamação, é: “Cante lá que eu Canto cá”, já devido a isso, né? Aí é que nem nós, também. O que nós faz, nós não tira nada de ninguém, nós daqui já pegamos nossas coisas, já vamos apresentar noutros cantos, viu?

Fernando – Quem é que organiza os ensaios? Quem é o coordenador, o chefe, o mestre?

Raimundo – Hoje é eu e Antônio, que são os irmãos mais velhos. Que os nossos irmãos mais velho já tão doente, tem doente, tem que já morreu. Agora tá sendo eu e Antônio.

Antônio – Aí devido a isso nós tivemos também representante. Quem representa a gente é cumpadre Elói Teles, Elói Teles de Moraes (radialista do Crato, que há anos coordena a carreira da banda, servindo de intermediário para os convites).

Raimundo – É, o convite vem pra seu Elói, e aí ele transporta pra nós.

Alessandra – E por que vocês acham que vieram tantos estudiosos e profissionais pesquisarem vocês aqui?

Raimundo – Menina, esse material aí, é porque eles acham que a gente merece, né? Eles fazerem a

pesquisa. Aí vem bater em cima, vem pesquisar, e a gente faz com muito prazer. A gente tem prazer em vocês fazerem uma pesquisa e levar bem legalzinha... Nós temos esse prazer, viu?

Fernando – É folclore?

Raimundo – É, exatamente, é.

Antônio – O nosso é o verdadeiro folclore do Brasil, mesmo.

Fernando – O que é o verdadeiro folclore?

Antônio – Rapaz, o verdadeiro folclore é aquele que é melhor, né? Aquele que trabalha melhor, né?

Raimundo – É, e é coisa que provem da roça, provem do nosso pé-de-serra. Aqui é o lugar da cultura, é o Crato, viu?

Amauri – Na opinião de vocês, qual foi a melhor apresentação que vocês fizeram?

Antônio – Olhe, nós fizemos muita apresentação boa. Quer dizer que todas que nós fizemos até agora nós achamos que foram boas, nenhuma foi ruim.

Amauri – O senhor prefere se apresentar fora ou aqui no Crato?

Antônio – Olhe, se alguém nos procurar, nós estando com saúde, nós mergulha no oceano e vamos sair do outro lado.

Clarisse – Mas, seu Raimundo, queria que o senhor falasse um pouco sobre como é se apresentar aqui no Crato, e se apresentar pra grandes públicos, com toda aquela produção... O que é melhor?

Raimundo – Certo, ah, inclusive, é bom, viu? A gente comparece, na Igreja.

Clarisse – Mas o que é melhor, as apresentações aqui no Crato, pras festas de igreja, ou as apresentações grandes, que têm produção?

Raimundo – Não, apresentação grande é mais legal, num sabe? Porque, por exemplo, a gente faz uma “representação” pra quatro, cinco pessoinhas... Aí é desanimado. Agora, bom é quando é de dez milhão (exagerando) pra lá.

Antônio – Que a gente brinca animado...

Raimundo – Aí dá assim uma quentura na gente, a gente fica mal acostumado.

Igor – E quando surgiu a necessidade de registrar isso em disco? Quando é que começou esse processo de ver a gravação das músicas?

Raimundo – Essa gravação começou em Brasília, e nós já fizemos um teste em Brasília, e já passamos as músicas e fizemos um compacto, em

Brasília. Aí já vem de lá, esse projeto. (Segundo o cantor e compositor cearense, Calé Alencar, o primeiro registro fonográfico da banda foi feito no Rio de Janeiro, pelo músico e pesquisador Aloisio Alencar Pinto, no final da década de 70. O material gravado foi lançado num compacto da série "Documentos Sonoros do Folclore Brasileiro")

Fernando – Como é que vocês guardam as músicas? Onde é que elas estão?

Raimundo – Elas tão na cabeça. Esse material, é o seguinte: esse material não tem letra não. Isso aqui (mostra o pífaro) é ouvido. De fato que ainda hoje, hoje já tem letra, né? Porque hoje já tem letra, a gente faz uma música, já é na letra. Mas esse material aqui não tem letra não, tem que ser de ouvido.

Carolina – Vocês tiraram a carteira de músico. Todos tiraram? E foi agora, pra gravar o CD, ou faz tempo? (A banda lançou um CD em 22 de janeiro de 1999. O CD é o primeiro volume do projeto Memória do Povo Cearense, coordenado pelo músico Calé Alencar.)

Raimundo – Não, faz tempo. Foi desde Brasília, do compacto que nós gravamos.

Antônio – Esses dois (Jeová e Adriano), não. Só nós, os mais velhos.

Raimundo – A gente tem a carteira de músico. (Segundo Elói Teles, os Anicete não são músicos profissionais. A carteira à que eles se referem é a carteira de trabalho, assinada pela prefeitura, onde consta que são músicos. Essa foi a forma encontrada, segundo Elói, para que eles recebessem um salário da prefeitura.)

Carolina – E como é que foi pra tirar essa carteira?

Raimundo – Foi bom.

Carolina – Vocês fizeram teste?

Raimundo – Fizemos teste de músico, fizemos teste lá com um camarada, um técnico. Aí fizemos um teste com um relógio danado, desse tamanho assim. Aí ele disse: "Rapaz, vocês são músicos mesmo. Vocês fizeram o teste".

Antônio – Nós passamos. Não errei nenhuma letra, e nem erro.

Daniel – Seu Antônio, me diga uma coisa. Sobre o dia-a-dia de vocês, vocês trabalham na roça, não é isso? Dizem aqui no (material) que foi apurado pela produção, que vocês não se consideram músicos profissionais, vocês trabalham mesmo na roça. Eu queria saber como é o cotidiano de vocês, como é esse tra-

balho no roçado.

Antônio – Olhe, nós "tamo" trabalhando na roça, aí quando vem um convite pra cumpadre Elói, ele manda nos convidar ou vem avisar a nós, aí nós vamos se comunicar. Às vezes é uma representação (apresentação). Aí nós deixa aqueles dias da roça e vêm atender o convite. Quando nós chega, não tendo mais convite, nós continua na roça de novo. Nós somos agricultor, nós tamos trabalhando. Até chegar outro convite novamente.

Alessandra – E vocês plantam o quê?

Antônio – Milho, feijão, arroz, só não algodão. Aqui nossa manga é de gado, nós não planta algodão não (manga refere-se a uma porção de

“Essa banda tem revolução, não sabe? Essa bandinha, ela tem som, imagem e espetáculo. E muitas bandinhas têm só o som, mas ninguém tem espetáculo de nada.”

terra cercada, onde eles trabalham como meeiros). Planta milho, feijão e arroz, quando é no fim do mês que entra, a gente acaba de colher pra eles botarem de novo o gado. Nós somos agricultor parceiro, nós não temos os terrenos. Nós pagamos uma renda, uma parte por tarefa.

Clarisse – O trabalho na roça, seu Antônio, vem do pai também? O pai ensinava vocês?

Antônio – É, exatamente, é. E o pai também era agricultor, nós tudo somos agricultor.

Daniel – Seu Raimundo, qual a influência desse trabalho na roça na música de vocês?

Raimundo – É, isso é o seguinte: a gente tá trabalhando, e nós somos amador da bandinha. Nós não somos profissionais. E a bandinha, não dá pra nós viver só com ela não. Só com a roça. Aí nós somos amador. Do jeito que meu pai era, a gente é também. Aí, a música, é o seguinte: a gente faz, às vezes, a gente improvisa mais dois, três irmãos que nós temos trabalhando na roça. A gente improvisa uma música, né? Aí, aquele material, quando nós chega em casa, aí vamos tocar aquela música. Nós faz a música nossa mes-

mo. Às vezes vem um canto dum pássaro, um latido dum cachorro, uma coisa e a gente faz a música. "Quando nós chegar, vamos fazer a música daquele cachorro acuado com uma onça?" Aí nós faz (ri).

Klycia – Adriano, me diga uma coisa: você que é um rapaz novo, tá numa banda que traz muito da origem, muito da cultura de uma tradição... Como é que as pessoas da sua idade, os seus amigos, vêem esse seu trabalho aqui na banda? Quando você entrou, qual foi o tipo de comentário que você escutou das moças, dos rapazes?

Adriano – O tipo de comentário que eu escutei foi o seguinte: antes de eu entrar na banda, eu tocava num conjunto de forró, numa bandinha.

Quando foi pra passar pra banda agora, aí meus amigos comentaram, um bocado dava conta: "Rapaz, você tem que seguir é a tradição do seu pai mesmo, folclore". E os meus amigos da banda que eu tocava diziam: "Não, rapaz, não deixe nós não, sair pra tocar bumba de pífaro, deixar a banda...". Aí eu disse: "Rapaz, é o seguinte, eu tenho que sair porque eu tenho que seguir a tradição, é uma coisa que é de nossa família mesmo, a gente sempre toca pra frente, eu vou sair". Porque é o seguinte: tem gente que dá muita força à banda, gosta do folclore, principalmente.

É como se diz, tem uma pergunta aí que não foi pra mim mas eu posso responder, é o seguinte: eu acho melhor quando a gente vai a um show fora, apresentar fora, do que aqui mesmo no lugar da gente, porque o artista, mesmo, parece que ele não tem tanto valor assim no lugar dele, né? O pessoal já conhece, é conhecido, aqui o pessoal não aprecia muito. Muita gente aprecia, assim mais novo, de minha idade, mas não são bem chegados, o lado deles já é outras coisas, outras curtição, e tudo. Aí, lá fora a gente é bem recebido, por novo, velho, idoso, de todo jeito. Aí a minha razão de eu seguir o folclore é isso, porque eu gosto, tenho essa alegria de representar a cultura, o nosso trabalho mesmo. É a razão de eu acompanhar eles, seguir pra frente. É saindo de nós e passando pra outra geração, e nunca se acabar.

Igor – E você queria viver só de música?

Adriano – Ah, com certeza. Roça é bom, e tudo, mas eu pretendo mais ir pro lado da música mesmo, porque é melhor.

Clarisse – Os três mais novos também são agricultores, não é?

Adriano – Eles são. Eu posso di-



Pablo já estava lá, esperando no Crato Hotel. Foi ele quem levou as alunas à casa de Seu Raimundo, onde a pré-entrevista aconteceu.

No dia seguinte, Pablo chegou com o recado: Seu Raimundo havia feito três pifaros. "É pras meninas". Ficamos felizes e voltamos encantadas.



A banda dos Anicete, hoje, é composta por duas gerações. Cícero e Jeová são filhos de Seu João, que já saiu da banda. Adriano é filho de Seu Antônio.

zer que sou agricultor, assim, porque ajudo meu pai na roça, mas eu não boto roça. Nunca botei roça pra mim não. Eu trabalho sempre, eu trabalhava de servente, em oficinas, essas coisas. Eu sempre ajudei meu pai na roça. Para falar a verdade, a roça mesmo eu ignoro, por mim mesmo. Se for para ajudar ele eu ajudo.

Alessandra – *Quais são as dificuldades, seu Raimundo, que o senhor vê em trabalhar numa roça que não é do senhor?*

Raimundo – Menina, eu acho sem graça. Eu mesmo só acho bom trabalhar na roça minha, mas na roça dos outros eu não acho bom não. Porque a gente trabalha muito de roça, é um trabalho cansativo. Aí na roça da gente, a gente faz à vontade, a gente vai sete horas, vem de nove horas, vai meio dia e chega de noite e chega a hora que quiser, é da gente mesmo, né? E a dos outros, a gente só chega naquela hora marcada, e fica botando o pé no bucho: “Você só vai daqui quando pagar o meu dinheiro”. Aí a profissão de roça eu gosto demais. Eu sou pior de que meu pai, viu? Meu pai gostava de roça e eu gosto mais ainda. A minha profissão é a roça mesmo.

Clarisse – *Seu Raimundo, se tivesse chance de viver só da bandinha, de viver só de música, o senhor largava a roça?*

Raimundo – Não... era capaz de eu deixar a roça, né? É porque é o seguinte: a bandinha é uma vez por ano e a roça é por toda a vida.

Fernando – *Quando tem seca?*

Raimundo – Quando tem seca aí pronto, morreu todo mundo! (*riso de todos*)

Fernando – *O que é que o senhor faz quando tem seca?*

Raimundo – Quando tem seca a gente não faz nada. Vamos comer das tocada que a gente tocar, né? E aí pronto: ninguém não trabalha, não faz nada numa seca. Agora, que nem um inverno que houve aqui esse ano, agora próximo, não; eu já tô me sentindo meio grande, viu? Que eu já tô com sessenta sacos de arroz em casa, né? Pra mim já é uma maravilha, que eu já dou de comer à minha família bastante, o verão todinho, com sessenta sacos de arroz, né? Tô me sentindo bem com o inverno desse ano. Aí eu me sinto bem e a roça pra mim é uma maravilha. No ano que tem inverno, eu faço o que quero, o que vender, pronto... Aí o pau tora mesmo!

Igor – *O senhor acha que é bem pago o trabalho de vocês, musicalmente?*

Raimundo – É...é... É legal, viu?

Não é bem pago, porque é o seguinte: essa bandinha, nunca ninguém fez nada com ela, é só assim mesmo. É uma bandinha pobrezinha, nós não tem um carro nem pra andar, viu? Que as condições não dá. Quando vem uma tocada já é fora de limite...

Klycia – *O CD, vocês começaram a gravar em 95 mais ou menos?*

Raimundo – É, mais ou menos.

Klycia – *Foi lançado em 99.*

Raimundo – É foi.

Klycia – *Como é esse tempo todo, longo, de expectativa da saída desse CD? Quando vocês pegaram o CD na mão, o que foi que vocês sentiram? Eu queria que cada um pudesse dar a sua opinião.*

Raimundo – Menina, eu mesmo

“Apresentação grande é mais legal, num sabe?
(...)A gente faz uma ‘representação’ pra quatro, cinco pessoinhas...
Aí é desanimado. Agora, bom é quando é de dez milhão pra lá”.

me senti feliz, com esse CD. Eu me senti bastante satisfeito, que a gente já vinha batalhando nesse material, e nunca que ninguém conseguia, né? E dum tempo desse pra cá, a gente ficou satisfeito porque Rosenberg Cariry tomou de conta desse material. Nós fizemos uma música pra ele... Fizemos 24 músicas e mandamos pra ele, deixamos lá. Aí lá ele conseguiu a mandar gravar esse CD. Aí pra nós foi uma satisfação grande que nós tivemos, né?

Antônio – Pra nós, eu achei que foi uma ajuda muito grande, que nós tivemos agora e eu fiquei muito satisfeito. E nós tamo através (*atrás*) de gravar de novo o segundo CD, se Deus quiser.

Alessandra – *E paravocê, Jeová?*

Jeová – Foi bom, também. Cheguei em casa, o povo tudo procurando, aí quando eu cheguei com os CD, (*diziam*): “Eu quero um, eu quero dois...”. Aí “tamo” vendendo. Ainda tenho uns cinco CD’s em casa, mas já tá tudo referido (*fala no sentido de reservado*) a alguém. Acho que a gente ainda vai vender tudinho, se Deus quiser.

Klycia – *Vocês não acharam*

estranho entrar num estúdio, gravar, acostumados a tocar pra várias pessoas? Enfim, tocar pra uma máquina, gravar? Como é que foi isso?

Raimundo – Pra mim foi muito bom.

Adriano – Pra mim foi normal...

Raimundo – Porque no nosso setor, tanto faz como tanto fez. Tanto faz nós entrar dentro de uma igreja como entrar dentro dum forró. Tudo é uma coisa só. Nós não temos cerimônia de nada não, porque já somos praça “véia”, nós não temos cerimônia de tocar mais não, de jeito nenhum. Tanto faz uma coisa como a outra. Nós toca pra quatro pessoas, e toca pra dez mil pessoas. Não tem dificuldade, não, de um pra outro.

Daniel – *Vocês disseram que tiveram ajuda do governo do Estado. Então, seu Antônio, o que o senhor acha do governo?*

Antônio – Ah, eu acho muito bom né? Eu acho que ele gosta muito da gente, ele nos apóia, e o presidente também. E na realidade, nós temos uma ajudinha também, pouquinho, miudinha, lá da prefeitura, do tempo de Ernesto Geisel (*Presidente da República de 1975 a 1979, em cujo mandato começou a abertura política durante o período de ditadura militar*). Nós “tamo com” catorze anos que nós ganha um pouquinho da prefeitura, viu? Um salário...

Klycia – *E essa opinião é de todos?*

Raimundo – É...

Alessandra – *Cícero, o que você acha do governo?*

Cícero – O governo?

Antônio – Pra mim, é gente boa.

Cícero – Rapaz, o governo tem mesmo ajudado, bastante. Eu concordo com ele. A gente recebe um apoio do governo...

Clarisse – *Seu Antônio, quando vocês saem daqui pra tocar, em São Paulo, em Porto Alegre, onde vocês já passaram, vocês tão levando um pouco da cultura aqui do Crato, da cultura do Ceará, e espalhando isso pelo país. O senhor acha isso importante? O senhor se sente importante fazendo esta divulgação?*

Antônio – Eu acho demais. É por isso que nós sai, é pra nós divulgar o nome do nosso Crato. É por isso que já fizemos essas viagens todinhas, e acho muito bom nós divulgar o nome do Crato em vários cantos.

Clarisse – *Só do Crato ou do Ceará todo?*

Antônio – É, do Ceará todo. Pra mim é muito importante. Pra onde nós for, e nós for convidado pra divulgar

O show de lançamento do CD dos Anicete, em janeiro de 99, foi recorde de público do Centro Cultural Dragão do Mar, segundo Calé Alencar.

o nome do Crato, eu acho bom.

Amauri – Seu Raimundo, no encarte do CD de vocês tem um texto do Rosenberg Cariry, onde ele diz que as bandas cabaçais antigamente não podiam tocar em festas religiosas porque tinham algumas letras que eram meio maliciosas, meio imorais. Vocês tiveram alguma cerimônia religiosa onde não pudessem tocar?

Raimundo – Não, por hora não.

Antônio – Na nossa não.

Amauri – Vocês tocam em todo tipo de evento?

Raimundo – Toca. Nós recebendo convite nós tocamos pra casamento, batizado, aniversário e pra tudo. Pra forró...

Adriano – Pra forró, pra político, recebendo o convite tanto faz.

Raimundo – O convite chegando a gente atende, pra qualquer coisa, não tem problema, não.

Fernando – Vocês falaram que a banda é uma revolução, né? Mas vocês colocaram prato na banda. Por que é que vocês colocaram prato?

Antônio – Porque o prato dá uma ajuda no ritmo, né?

Fernando – E vocês acham que faz parte da cultura, do folclore?

Antônio – Aliás, que esse prato, ele foge um pouquinho do nosso folclore. O que acompanha mais o folclore é os dois pife, que é madeira, e o bumbo e a caixa. O prato é quase fora um pouquinho, mas nós gostamos porque ele dá um ritmozinho pra nos ajudar.

Clarisse – De quem foi a idéia de botar o prato?

Raimundo – Não, esses pratos, é o seguinte: nós era em quatro componentes – a banda – aí ficou cinco componentes devido a esse casal de prato. Porque esse casal de prato, ele é mineral. Isso não faz parte do folclore porque ele é mineral. Ele não é nós que fazemos não, né? Isso aqui já vem da fábrica. Mas nós botamos devido ao chiado, que toda banda tem um casal de prato, as bandas de música, né? Tem um casal de prato de metal bem amarelinho “xá, xá...” (imita o som do instrumento). Aí a gente achou bonito aquele chiado e o ritmo, aí botamos lá.

Antônio – Aí hoje em toda banda tem um casal de prato.

Raimundo – Demos parte ao nosso componente (representante), que é Seu Elói, demos parte a ele e ele disse: “Não, pode botar o casal de prato”.

Fernando – Tem algum outro instrumento que tá faltando pra compor, pra vocês?

Raimundo – Não, daqui da bandinha é só isso mesmo.

Adriano – Da banda cabaçal é só isso mesmo.

Raimundo – São cinco componentes. Quase toda bandinha hoje são cinco componentes.

Clarisse – As outras bandas cabaçais também têm prato?

Adriano – têm.

Clarisse – Mas foi idéia de vocês e depois os outros seguiram?

Raimundo – A gente não sabe bem... (pausa). Quem começou primeiro foi a gente. É. Oi, eu tenho uma brincadeira de faca, né? É de Severino Brabo. Foi nós que surgimos nessa brincadeira aqui no Crato, né? Aí eu tenho a brincadeira de jogo de facão,

“Eu acho melhor quando a gente vai (...) apresentar fora (...), porque o artista, mesmo, parece que ele não tem tanto valor assim no lugar dele, né?”

eu trouxe do Rio Grande do Sul, e lá eu vi os gaúchos brincando com quatro facões né? Aí eu cheguei aqui mais João meu irmão, aí nós fizemos com dois e deu certo. (ri)

Amauri – Seu Raimundo, vocês tocam música de outros artistas, também?

Raimundo – Toca.

Amauri – De quem, por exemplo?

Adriano – Toca forró do Sirano (sanfoneiro e cantor de forró, muito popular no Ceará), toca forró de banda, Luiz Gonzaga, Dominginhos (cantor pernambucano, tido como o sucessor de Luiz Gonzaga, autor de “Eu Só Quero um Xodó”), o que pedir a gente toca...

Raimundo – Toca forró de todo sanfoneiro que tiver no mundo nós remexe.

Adriano – Às vezes chega uma pessoa que pede “Toca música de fulano de tal, de Sirano”, a gente toca...atende o pedido.

Raimundo – Quando a gente entra num forró, a gente tira a nossa parte, o folclore, aí nós entra em forró dos outros. A noite todinha nós toca forró, choro, de tinir, viu? O “Brasileirinho” (de Valdir Azevedo)... Tudo.

Igor – Mas eu queria saber o que o senhor acha desse forró que tá sendo feito por grupos como Mastruz com Leite, Mel Com Terra (bandas de forró de muito sucesso no Nordeste nos últimos anos, que se distanciaram do forró tradicional, criando um estilo que ficou conhecido por “oxente music”) um forró que tem guitarra, baixo, bateria. O que o senhor acha desse tipo de forró?

Raimundo – Rapaz, é bom, viu? É bom. Música tem demais, né? Os comparativos, tudo legalzinho, né? É tudo dentro um do outro, como diz o ditado, né? É bom, as músicas são boas, viu?

Igor – Mas do ponto de vista cultural, o senhor acha que esse tipo de forró representa mais as nossas tradições populares do que...

Raimundo – Não, não. Tem música aí que não compõe a gente não. A gente não sabe nem o que é...

Antônio – Faz parte do folclore não. É forró.

Raimundo – Tem muita coisa que tão fazendo por aí que a gente não sabe nem o que é. Agora tem outras que já vai numa regra boa, música antiga, né? Mas pouco dessas músicas novas, muita gente não sabe nem o que é. Tocando todo dia, a pessoa dançando, sem saber que música é. Aí é que compõe a nossa música, porque quase toda música nossa tem nome, que nós bota nome. ‘Música Fulano de Tal’. Aí nós apresenta: “Música fulano de tal, música fulano de tal...” E hoje é difícil. A pessoa toca a noite todinha num clube e ninguém não sabe que música é. (ri)

Clarisse – Seu Antônio, o senhor tava falando dessa diferença entre o que é folclore e o que não é. O que difere, o que diz que o forró não é folclore e a música de vocês é folclore?

Antônio – É por causa que o folclore é diferente do negócio de forró, porque nós tocamos a marcha rebatida e o forró não tem. Nós tocamos manhoso e o forró não tem. Nós tocamos pé duro e o forró não tem. Nós tocamos a pipoca, e o forró não tem. O forró é só forró, coisa de forró, e o nosso é folclore mesmo, legítimo nosso.

Raimundo – É coisa regional.

Antônio – É bem explicado, representado o que é o folclore, o que é o que nós vamos tocar. O que criou o folclore, porque nós sabe explicar o que é o folclore. E forró não tem is-so, é só forró. E forró nós toca demais, mas nós representa o nosso folclore, tem uma diferença grande. Forró não é folclore não.

Raimundo – Nós tem dois



No dia 04 de junho, o encontro foi no “Pertinho do Céu”, onde o ônibus pro Cariri esperava. A chuva causou atrasos. Ronaldo foi o último a chegar.

Chegamos com o dia raiando no Viana's Hotel, em Juazeiro. A hospedagem foi escolhida seguindo a sugestão de Gilmar de Carvalho.



Na pré-entrevista, quando perguntamos o que mais lhe tinha chamado a atenção durante a temporada em São Paulo, Seu Raimundo respondeu sem hesitar: "as árvores".

sanfoneiros aqui. Aquele garoto ali é um sanfoneiro bom demais (*aponta para Cícero*). E eu também puxo um pouquinho, nos oito baixos.

Daniel—*Foifalado que o Adriano fez parte de uma banda de forró. Eu queria saber de você, Adriano, o que é que você acha de tudo isso. O forró que você tocava era um forró que honrava as tradições ou já era um pouco diferente?*

Adriano — Não, o forró que honrava as tradições. Mas a gente toca mais essas músicas velhas pra não deixa se acabar. Que hoje em dia tem muita música. Música nova, toda diversidade, e aquelas músicas velhas vão ficando pra trás, o pessoal esquecido, não se lembra mais.

Fernando — *Quais são as velhas?*

Adriano — As velhas é Luis Gonzaga, Jackson do Pandeiro (*cantor paraibano, que se destacou em ritmos como baião, coco, samba-coco e rojão, autor das músicas: "O Canto da Ema" e "Chiclete com Banana"*), essas músicas assim, que a gente procura tocar para o pessoal lembrar de novo da música...e faz sucesso de novo!

Igor—*Você já escutou as bandas de Pernambuco, Cascabulho, Querose Jacaré* (bandas pernambucanas que fazem parte do movimento Mangue Beat, que mistura ritmos regionais com rock)?

Adriano — Já. Exatamente.

Antônio — Nós testamos com todas as bandas e nós ficamos em primeiro. (*risos de todos*)

Adriano — Achei bonito aquele ritmo, misturado, né? A tradição na música, mudar o ritmo... Achei bonito mesmo.

Carolina — *Seu Antônio, já que a gente tá falando desse forró tradicional, o que o senhor sentiria se daqui a alguns anos o senhor soubesse que dentro da Banda dos Irmãos Anicete, seus filhos botaram uma guitarra, um baixo e tão tocando forró?*

Antônio — É, o que nós sentia é que na hora que nós fosse chegando a guitarra e o baixo e tudo se cala e nós fica "tum tum tum tum tum", eita! E se vier outra banda, cobre tudo. (*ri*) Ela cobre tudo, essa banda.

Raimundo — É bom, é bom...

Antônio — Mas é bom, mas a nossa banda cobre... aí se acaba tudo (*risos*). E com todo esse bumbo aí não há lida não.

Clarisse — *E por que a bandinha cobre? Por que a bandinha é*

tão melhor?

Antônio — Por que o nosso bumbo é muito alto. Eles tocam forró, mas é baixinho, "tum tum dum" (*sussurando*), o nosso bumbo é um bumbo alto, com uma tocada de pifo cobre tudo. Luis Gonzaga, quando ele ia fazer show aqui mesmo no Crato, na Exposição (*Exposição Agropecuária realizada anualmente no Crato. É o maior evento da região*), ele fazia o show dele mas dizia assim: "Diga aos irmãos Anicete que pare um pouquinho lá, se não eu não posso fazer meu show que o bumbo deles toma muito". (*ri*)

Raimundo — Isso aqui (*mostra o bumbo*) não precisa nem microfone que num salão assim ele enche.

"Quando tem seca a gente não faz nada. Vamos comer das tocada que a gente tocar, né? E aí pronto: ninguém não trabalha, não faz nada numa seca."

Antônio — Em qualquer instrumento, esse aqui é o da frente.

Raimundo — E se tiver microfone, bem, a gente aceita, mas se não tiver, ele sai lá fora, o som. (*ri*)

Antônio — Toca alto, toca baixo, toca em todo canto que nós quiser tocar.

Alessandra — *Antes, o senhor estava falando um pouco, eu queria voltar, sobre as apresentações aqui nas festas religiosas, e entrando nessa parte da religião eu queria que o senhor falasse um pouco sobre a festa da renovação.*

Raimundo — A festa da renovação, aqui pra nós, é muito interessante. A gente acha que é bom demais, é uma maravilha. Que a gente tem aqui um setor das igrejas, quando é agora no mês de junho, é o mês do Coração de Jesus. Aí a gente sai tocando naquela renovação. Eles fazem o convite e agora no dia 15 é lá em casa a renovação, dia 15. E daí por diante começa, um aqui, outro acolá, um lá no pé da serra, outra no Juazeiro, outra em Barbalha (*município da região do Cariri, vizinho ao Crato e a Juazeiro do Norte*), aí ficam chamando a gente

pra tocar naquelas renovação. A gente sai bem cedo, na salva de cinco horas, quando é meio-dia a gente vai de novo, na salva de doze, aí chega cinco horas, dá a salva de seis horas, aí toca até nove horas da noite, na renovação. Tudo aquilo animado, soltando fogos, outros rezando, e o meu entendimento da renovação é isso.

Clarisse — *Qual o papel da religião pra ti, Jeová, qual o papel de Deus, do catolicismo?*

Jeová — Eu me sinto feliz, né? Porque os crentes já pelezaram muito pra eu entrar nas leis deles. Aí, quando eu me toco com um crente por ali, (ele diz): "Não, vamos pra nossa lei". Aí eu digo: "Não, eu fico na minha mesmo". Que eu acho que a gente deve pro santo, né? Aí a gente tem renovaçãozinha que... Os crentes não fazem renovação. Nós inventa essas renovaçãozinha, aí marca o dia, a data, ajeita os santos com aquelas capelazinhas, mas... Os crentes, quando vê a gente fazendo isso, não querem. Mas a gente continua porque a gente quer, né? A gente gosta muito, aí continua com as festas dos católicos.

Carolina — *Jeová, tu já tens filhos?*

Jeová — Tem.

Carolina — *E tu já estás passando tudo isso pra eles, da música, dessa parte da religiosidade?*

Jeová — Já, porque a gente quando é no mês de maio, nesse mês que passou-se, a gente também inventa, no mês de Maria. A gente vai, e... Quando é seis horas, cinco e meia, a gente ajeita os meninozinho, com a esposa, e aí leva pra festa da santa pra... A gente começa a rezar cantando, também já vai acompanhando, aqueles benditos (*músicas religiosas*), aquelas coisas, e tal, aí vão gostando como a gente, né? Aí vai a gente sempre ficando ali, que é uma diversão pra gente. A gente gosta, a gente sempre aprende os benditos, aprende a tirar reza, mas sempre a gente gostando da reza. Aí nisso fica, os meninozinho já vão ficando, aí entra na nossa banda, fica indo de um pra outro. Acompanha as leis, né? Da igreja católica.

Antônio — Aqui no nosso pé-de-serra, aqui ao redor do Crato, a partir do mês de junho em diante, em quase nessas casas todas eles fazem a festa do Coração de Jesus. Agora, cada qual faz como pode. Um dá um bolinho, um café, depois da reza... Outros matam porco, galinha, peru. Faz uma festa, uma festa de casamento mesmo. Eles têm a maior satisfação de

Em São Paulo, os Anicete participaram da peça "Ciranda dos Homens, Carnaval dos Anormais". A atriz Marília Pêra fazia parte do elenco.

fazer isso nas festas do Coração de Jesus. Aí, assim que terminam de rezar, nós entra lá pra dentro pra fazer a louvação. Aí depois que a gente sai da louvação nós anima a festa com o trancelim, com dança típica pra animar o pessoal. O pessoal gosta muito.

Clarisse – *Há muito pouco tempo, saiu da banda o Britinho - o primo de vocês que faleceu - e o Seu João - o irmão de vocês mais velho - teve que se afastar, porque já tava doente. Seu Antônio, como é que o senhor viu a perda dessas duas pessoas pra banda, eles levaram alguma coisa? Piorou em alguma coisa?*

Antônio – Não, nós sentimos muito, que, aquilo que é de costume a gente sente quando se apaga, não é isso? Aí eu coloquei esse menino aqui no lugar do finado Britinho (*aponta para Jeová*), colocamos esse aqui no lugar de João (*aponta para Adriano*)... Esse aqui já tava, né? (*aponta para Cícero*). Aí nós fomos executando eles nas brincadeira, que é pra ficar do mesmo jeito dos outros... E eles vão aprendendo. Já tão bem bonzinho na brincadeira. Nós não sentimos mais muita saudade porque eles já sabem também brincar. Mas a falta foi grande.

Klycia – *E a falta na família, do Britinho? Porque vocês são, além de uma banda, uma grande família. Como é que foi essa perda?*

Antônio – É, eles... Ainda hoje eles sentem, né? Porque quando morre uma pessoa da gente, a gente fica com aquela lembrança, acho que aquilo não se acaba mais nunca, né? E eu acho que a família dele também deve ficar assim.

Clarisse – *Seu Raimundo, como é que seu João participa hoje? Ele ainda vai para os ensaios?*

Raimundo – Menina, João tá é bem, já, graças a Deus. Ele teve internado e foi até o A.T.I. (*U.T.I. - Unidade de Terapia Intensiva*). Mas que melhorou demais, cem por cento. Já tá em casa, já tá é gordo, já.

Jeová – Já tá querendo a bandinha de novo.

Clarisse – *Ele quer voltar pra brincadeira?*

Raimundo – É, ele já tá forte.

Antônio – Mas nós não deixa ele não. De qualquer maneira, quando a gente arranjar uma festa por aí, nós leva ele. Nós não deixa ele não.

Raimundo – É. Aí fica sempre um de sobresselente (*de reserva*). Quando um não puder ir o outro vai, né?

Fernando – *E a entrada desses novos? Eu sei que vocês, os mais velhos, é que fazem as músicas, né? Alguém deles já fez música pra banda?*

Antônio – Já. Junto com nós. Nós executamos e eles tocam, né? Tão ensaiando.

Raimundo – Já, já tão fazendo.

Alessandra – *Eu queria perguntar pro Adriano e pro Jeová, o que eles sentiram no momento em que se viram tendo que participar da banda? Eu queria que vocês falassem um pouco o que significou isso pra vocês.*

Jeová – Bom, quando ele (*João*) adoeceu, ele sempre dizia: “Bom, num tempo que eu não puder tocar, vocês

“Essa bandinha, nunca ninguém fez nada com ela, é só assim mesmo. É uma bandinha pobrezinha, nós não tem um carro nem pra andar, viu? Que as condições não dá”

vão no meu lugar. Você garante fazer tudo?” Eu digo: “Garanto, né?” Sempre a gente tava vendo o que ele fazia. A gente sabia que um dia tinha que participar da banda, pra ficar no lugar deles. Aí, quando eles vêm entregar pra gente, a gente também já sabia o que ia fazer. A dança, os toques, os ritmos, tudo isso a gente já sabia. Aí pronto: só foi chegar, precisou da gente, a gente já tava no jeito. Não demos trabalho nenhum não.

Alessandra – *E você Adriano?*

Adriano – Eu senti muita falta, porque achava bonito ver tio João brincando. Mas no momento também eu me senti orgulhoso de estar acompanhando eles, de estar mais eles tocando, divulgando o trabalho e mostrando que a gente também é capaz de fazer como eles, né? Um dia ele já assistiu a gente brincando, ele mesmo, e gostou da gente, e eu me senti muito orgulhoso, de estar mais eles e brincar que nem eles brincam.

Amauri – *Seu Antônio, vocês receberam, o I Prêmio Dragão do Mar de Arte e Cultura (prêmio promovido pela Fundação De-*

mócrito Rocha e pela Secretaria de Cultura (Secult), em janeiro de 98) que foi aquela homenagem lá em Fortaleza, aquela festa bonita. O que representou pro senhor receber este prêmio?

Antônio – Rapaz, o que me representou foi uma alegria muito grande que eu tive, sabe? De ter recebido essa ajuda, porque pra nós foi uma satisfação maior do mundo, que nós achamos. Uma ajuda grande. Fiquei muito satisfeito.

Fernando – *Vocês gostam do sucesso?*

Antônio – Gosta.

Fernando – *Como é o sucesso pra vocês? O que o público daqui fala?*

Antônio – Fala muito: “Êêêê, os Anicete gravaram um cd!” E é aquela alegria maior do mundo. Aí a gente fica alegre também (*risos*).

Clarisse – *Você se sente famoso, Seu Antônio, quando sai por aí pra tocar pra um grande público?*

Antônio – Sempre sente.

Clarisse – *E o Adriano?*

Adriano – É, com certeza.

Clarisse – *Sentia isso com a banda de forró, também, Adriano?*

Adriano – Sentia, sentia porque eu acho que todo artista, quando tá de frente pra um público, ele se sente assim, um pouco orgulhoso, ver aquela multidão todinha ali, gostando. Agora, desanimado é quando o cara vai e não tem ninguém. Não aplaude, nem nada, mas quando a gente vai, que nem lá em Fortaleza, agora, no lançamento do CD, achei bom demais. Foi uma emoção grande, ver aquele público todinho, aplaudir a gente...

Clarisse – *E quando acontece de ninguém aplaudir, como é?*

Adriano – Não, comigo não me aconteceu não. Tanto no forró, quanto mais eles, sempre fui aplaudido. Nunca toquei no forró pra não ser aplaudido, nem com eles aí, não.

Alessandra – *Seu Raimundo, como o senhor vê esse processo de os mais novos estarem entrando no lugar dos mais velhos? O senhor acha que está garantido que a Banda Cabaçal vai continuar?*

Raimundo – Vai, garota. A gente tá se sentindo bem e garantido, porque qualquer um que morrer, já tem outro pra se responsabilizar pelo trabalho da bandinha Cabaçal.

Antônio – É por isso que a gente gosta de ensinar os filhos da gente e mais alguém que tá no conhecimento da gente. É porque quando um desaparecer, já tem outro no lugar, que



A entrevista foi realizada na tarde de sábado, na biblioteca do Colégio Polivalente, no Crato. Chegamos com quarenta minutos de atraso.

Durante a entrevista, alunos e entrevistados estavam tensos. Na primeira meia hora, o professor Ronaldo entrevistou duas vezes, pedindo calma.



Os irmãos Anicete foram tema de um vídeo produzido pelo cineasta Rosemberg Cariry. Participaram também do filme "Credi-me", do cineasta Bia Lessa.

é pra banda não se acabar.

Clarisse – *E a banda não vai se acabar?*

Adriano – Com certeza, não.

Antônio – Acaba não, porque enquanto existir Anicete nós não deixa acabar não.

Carolina – *Seu Antônio, vocês já pensaram em colocar na banda alguém que não fosse da família? Alguém conhecido, alguém que já se interessou em tocar na banda?*

Antônio – Se tiver uma pessoa que se interesse de aprender o que a gente tá ensinando, e desaparecer um, a gente tem que colocar outro, é o jeito. Nós não podemos deixar a banda se acabar não.

Fernando – *Se a banda receber um convite pra morar fora fazendo sucesso, vocês iriam pra fora do Crato? Sairiam daqui, pra ficar tocando fora?*

Raimundo – Garoto, eu mesmo não tinha esse prazer de sair não. Eu gosto do Crato, viu? A gente é filho natural daqui do Crato e eu não quero sair daqui do Crato. Ainda que tivesse oportunidade de surgir esse material aí, mas eu mesmo não conseguia não. Eu gosto do Crato, viu?

Fernando – *Todos pensam a mesma coisa?*

Jeová – Todos pensam.

Raimundo – É. Tudo é filho natural daqui do Crato, dessa raiz, aqui desse tronco de serra. A gente já é acostumado aqui. É talvez que nenhum desses morava fora não. Agora, a gente faz o show fora mas...

Antônio – ...volta pra casa.

Raimundo – Volta pra casa.

Igor – *O senhor se realiza só em gravar CD, fazer shows, ou tem alguma coisa que ainda falta fazer?*

Raimundo – Não, não. Não falta quase nada não. Porque é o seguinte: o que tinha de nós fazer, o ponto nós já chegamos, né? Que já somos numa base de tri-campeão, por conta dessa bandinha, aí eu penso que já chegou num setor que a gente não deve se expressar mais, né? Aí vamos ficar por aqui mesmo.

Igor – *Mas, e outro projeto de CD?*

Raimundo – Não, chegando outro projeto de CD, nós faz outro, ligeiramente. Porque nós tem música, muita, viu? Nós toca uma noite todinha e não volta pra trás pra pegar a primeira (música) que nós fizemos.

Igor – *O senhor acha importante gravar mais um CD?*

Raimundo – Ave, Maria! Eu acho importante, mas é demais, viu? Eu acho importante demais. Nós tem

a inteligência de gravar música, e nós tem a vontade, mesmo, viu?

Igor – *E estudar música? O que o senhor acha dessa idéia de estudar música, de entender, de ler partitura?*

Raimundo – É bom demais. Pra quem conhece, é ótimo, viu? Agora, que o seguinte: é que nós não temos letra pra isso não, sabe? A nossa letra é fraquinha, não dá pra estudar, pra isso aí, não. Aí nós tem que fazer de ouvido.

Antônio – É, e eu acho que o mais importante é fazer de ouvido.

Raimundo – É duro, é o nosso problema, é meio difícil, pra o camarada conhecer o nosso problema..

Antônio – O mais importante é fazer de ouvido, porque a coisa de le-

“Esse casal de prato, ele é mineral. Isso não faz parte do folclore porque ele é mineral. Ele não é nós que fazemos (...) Isso aqui já vem da fábrica. Mas nós botamos devido ao chiado”

tra é coisa aprendida, já é mais destilizada. Agora o mais importante é o cabra aprender de ouvido (com ênfase).

Clarisse – *Seu Antônio, o senhor acha que faz falta ter essa letra, ter esse estudo pra fazer a música na letra?*

Antônio – Eu acho que é mais difícil da gente fazer, e pode ser mais fácil, mas não faz muita parte dentro do setor do folclore não, que aí é coisa já aprendida. Eles querem é coisa que a gente aprende de ouvido, pra dizer: “O cabra é inteligente, fez aquela música de ouvido”. Isso aí é que é importante.

Carolina – *Eles quem? O senhor diz “eles quem que a gente faz de ouvido...”. Quem são eles?*

Antônio – (Pausa) Qualquer outro professor, né? Que disser que eles querem fazer por letra, pode fazer. Mas chegando em nós, nós dizemos: “Não, nós vamos fazer de ouvido”. Aí quando a gente acaba de fazer aquilo ali de ouvido, pela gravação que a gente tem, eles vão examinar na letra deles e a nossa letra dá certinho com a letra deles, sen-

do de ouvido. Ó aí, porque é!

Alessandra – *Os mais novos também estão compondo, já?*

Jeová – Tamo, sim.

Alessandra – *E como vocês compõem?*

Adriano – Ah, é o seguinte: quem compõe são eles aí. Compõe as músicas, aí eu acompanho o ritmo, que não é música cantada. O pife é quem faz a música. Eu acompanho na zabumba o ritmo do pife. É comandado pelo pife. A caixa, os pratos e bumba, o pife é enfrentante (está na frente, comanda). Eles puxam uma tocada aí, eu sei o ritmo, nós ensaia, eu pego o ritmo e acompanho com a zabumba.

Raimundo – O camarada que tem a gravação, tá feito o negócio. Eu comecei a tocar com oito anos de idade, e quando eu comecei já foi tocando esse material sem ninguém nunca me ensinar, viu? Meu pai só me ensinava as tocadadas que ele sabia, mas o tom era o que eu já sabia tocar. Eu já sabia, só em eu ver o pai tocando aqui, quando eu peguei, eu já to-quei também.

Igor – *Eu queria que cada um dissesse, começando pelo seu Raimundo, qual a importância que a música tem para as pessoas.*

Raimundo – Sim, a importância que a música tem, né? Rapaz, essa música, é o seguinte: ela é importante em muitos materiais. Ela é importante no som, na imagem, no espetáculo, viu? E essa música, é o seguinte: ela é mais profissional de ouvido, o mais que essa música tem é isso aí. Porque a gente faz um dobrado, faz uma valsa, uns seis buracos, né? E um música, bota, tira, é mesmo que não tá vendo nada.

Igor – *Mas eu digo assim, a música em si. Por que o senhor escolheu fazer música? O que o senhor acha que a música pode proporcionar às pessoas, a música em geral?*

Raimundo – Certo, é porque a música é muito alegre, é muito requinte, uma música, sabe? Fica uma tonalidade bonita. Aí o povo se interessa.

Igor – *O Adriano?*

Adriano – A música, ela transmite para as pessoas uma alegria, pra outras, emoção.... Tem gente, esse pessoal católico, que já acompanha a banda há muito tempo. Aí eles passam muito tempo sem ver a banda, quando vê tocando, chega até a chorar com os benditos que a gente toca. Aí transmite emoção e alegria pro pessoal, né? E pode dar muitas coisas boas.

Clarisse – *Jeová?*

Jeová – Certo, a nossa é o seguin-

Nascido no interior do Ceará, Amauri esclareceu todas as dúvidas quanto aos costumes da Região do Cariri, como, por exemplo, as festas de renovação.

te: nós gostamos mais de tocar coisa quente, porque coisa quente é que anima, né? É melhor que essas músicas... É. A gente gosta de tocar um baião, choro, aí que anima mais. Aí tem essas músicas aí, com dupla, caipirada, essas coisa. Mas a gente fica tudo assim. A gente vai assistir um bolero, uma coisa, aí já leva o conhecimento, aí dum bolero, o cabra salta para um baião desses da gente, aí o pessoal (*pergunta*): “Rapaz, quem foi que ensinou esses baião?”. (*Nós respondemos*): “Não rapaz, é da gente”. Aí, que a gente fica mais gostando da brincadeira. É que o baião, o xote, o xaxado, essas brincadeira, nós que animamos. É tanto que a gente gosta dessa bandinha, mas que é coisa quente, né?

Cícero – A música, ela é uma coisa importante. Porque a música, pode ser um forró, pode ser a música regional, música baiana, forró, tudo que é tipo de música, ela dá um tipo de alegria. A música tá no coração das pessoas. As pessoas, às vezes, tá o quê? Tá com um sentimento, às vezes, tá com qualquer problema, aí diz: “Vamos pro forró, tem um forró ali”. Então vai, aí já se anima. E há outros pra acolá que vê a banda tocando, aí tem algum parente que faleceu, algum tio que também já tocava na banda, aí diz: “Ó, meu tio tocava aquele instrumento”, aí já dá emoção, entendeu? Forró é o seguinte: sobre o forró de sanfona, de banda, a gente tá mais os amigos, aí (dizemos): “Vamos se divertir hoje, vamos dançar? Tem um forró ali, tem uma festa”. “Quem é o sanfoneiro?” “É fulano”, aí já é uma alegria pra gente. Todo tipo de música, eu acho importante pra dar alegria. Toda música, pra mim – acho que não só pra mim, pro público – tem uma tonalidade legal.

Clarisse – Seu Antônio?

Antônio – Essa música, ela é tão importante que faz muita gente chorar, porque recorda o passado, coisa passada, passado velho. Nós tocamos lá na Taboca de Exú, e lá tinha uma velhinha que dizia assim: “Menino, toca aí o bendito de Santo Mariano”. Aí nós tocava e ela dizia: “Agora eu tô lembrando do finado meu marido”. Aí começava a chorar. Aí nós tocava e ela ficava alegre, batia palma e dizia: “Eu vou fazer um cafezinho pra vocês tomar, que vocês já tocaram o bendito de Santo Mariano”. Mas que ela chorou! Essa música é muito importante. Lá em Fortaleza, nós tocando no vinte e três BC (*Vigésimo terceiro Batalhão dos*

Caçadores, que fica na Av. Treze de Maio), uma banda ficou tão impressionada, já ia passando, aí o sargento: “É pra cá, é pra cá!”. E ela já ia passando do lugar, acompanhando nós (*ri*). Essa banda nossa ela é muito importante. O povo acha muito bom! E nós também acha! (*todos riem*).

Raimundo – A nossa banda tem uma tonalidade boa, um ritmo alegre que corresponde ao tempo bem antigo, das alegrias do mundo. A tonalidade desse pife se vê com uma légua ou mais de sertão. Aí o povo recorda aquele tempo bem antigo. Aí começa gente a chorar, outros a matar boi, matar uma criação. Outros: “Êpa, lá vem a bandinha!”, já vem aplaudindo de longe. Uma maravilha!

“Tem muita coisa que tão fazendo por aí que a gente não sabe nem o que é. (...) Tocando todo dia, a pessoa dançando, sem saber que música é.”

Fernando – *Eu queria saber de cada um dos senhores, do Seu Antônio e Seu Raimundo, qual conselho que eles dão pra quem quer formar uma banda?*

Antônio – A gente pergunta se ele tem vontade de aprender, aí se ele disser que tem, a gente tem o prazer de ensinar, né?

Fernando – *Mas a uma pessoa que vai querer montar uma outra banda, qual o conselho que você dá?*

Antônio – Ah, eu dou o conselho. Se eles quiserem seguir é bom, né? Que quanto mais cabra mais cabrito. Aí, se eles quiserem vir aprender, a gente acha bom. Nós não temos inveja de ensinar nada, nem medo não, nós acha é bom. “Quer aprender?” “Quer”. “Pois então, rumbora”.

Fernando – *O que precisa pra essa música que vocês fazem ser tão boa?*

Raimundo – Precisa a boa vontade. O garoto (*que*) tiver a boa vontade, é o que merece. Aí manda fazer uma bandinha, pega os componentes, os garotinhos, aí vai ensinar. E a gente até ajuda a ensinar os garotos lá a tocar, não sabe?

Tá no querer, né?

Antônio – E na vontade.

Raimundo – A gente ouve um garoto: “Não, eu quero aprender a bandinha”. “Muito bem, meu filho, sente prá cá e vamos aprender aqui”. Aí ensina os números, os tons, né? Dá eles conseguem aprender a música. É ótimo, a gente acha bom. Dessa bandinha não tem só vinte ou trinta aqui não, tem é de cinquenta pra dentro. Tem muitas. Aqui no pé-de-serra, em Barbalha, no Juazeiro, viu? Missão Velha (*município cearense a 522 km de Fortaleza*) tudo tem banda, tudo. E tudo ensina os garotos a tocar, já tem muito garotinho tocando.

Klycia – *Falando dessa tradição de passar de pai para filho. Eu queria que o Adriano, o Jeová e o Cícero falassem um pouco da responsabilidade que tá no ombro de vocês. Porque vai chegar o momento que vocês não vão ter mais o tio Raimundo, o pai Antônio, enfim. O que é que passa pelas cabeças de vocês?*

Adriano – A responsabilidade que eu tenho é a seguinte: um dia se chegar, como você falou aí, de não ter mais eles tocando, com certeza nós já tem filhos da gente que já tocaram e a gente que tá dentro do setor com eles, acompanhando, a gente também já tem aprendido e já sabe tocar todo o material. Os filhos da gente também já tão grande, já tão sabendo... Tem um molequinho lá em casa, um pequeninho, que quando vê a gente tocando entra no meio, dança e toca um instrumento e bate numa coisa... Tenho certeza que esses aí, quando tiverem grandes, já tão tudo sabendo. Aí vão colocando no lugar deles. Responsabilidade é a gente seguir pra frente. Não deixar se acabar de jeito nenhum.

Alessandra – *E você Jeová?*

Jeová – Bom, da mesma forma, é como ele tava dizendo. Eu tenho dois garotinhos, um com oito e outro com dez. Aí ele (*diz*): “Pai, me ensine, que nem já vi pai na televisão. Eu queria fazer do mesmo jeito”. Aí a gente tem a fita – que a gente sempre tem a fita da gente – liga no som e vai fazer uns espetáculos junto com eles. A gente já tá vendo que eles tão no caminho, que eles se interessam muito. Aí faz os espetáculos com eles, vai dizendo como é que é, eles vão aprendendo.

Cícero – Na falta deles, que são mais velhos, (*se*) a gente fica sem eles alguma vez, a gente tem que caçar um meio pra colocar outro, pra não deixar se acabar. Aí pode ser um filho da gente, um tio, um sobrinho da gente,



Aproveitando o momento em que o assunto era a fabricação dos instrumentos, Seu Antônio não perdeu tempo: pegou a caixa de “pites” que tinha feito para vender aos alunos.

As bandas cabaçais são tradicionais no interior do Ceará. A dos irmãos Anicete diferencia-se das demais pela performance teatral, inspiradas na observação dos bichos.



Na casa de Seu Antônio, a banda se despediu dos alunos. Não sem antes nos presentear com um saco de amendoim que fez a alegria da turma na viagem de volta ao Juazeiro.

• pessoas da família, porque na família da gente já tem muitos, não é só nós não. Tem muito garotinho também, como ele falou, que toca. Aí a gente tem que caçar esse meio pra nunca deixar acabar.

• **Clarisse** – *Eu queria saber primeiro do Seu Raimundo, depois do Seu Antônio: vocês viram a banda começar quando eram crianças, o pai de vocês começando... E agora a gente tá terminando o milênio, entrando no ano 2000, vendo os filhos e os sobrinhos de vocês continuarem a banda. Onde vocês acham que a Banda Cabaçal dos Irmãos Anicete vai estar no próximo milênio? O que a banda vai estar fazendo quando, vocês não estiverem mais na banda? A banda vai continuar?*

• **Raimundo** – Certo. A gente espera que ela continue. A gente... (pausa). É isso aí, a gente tá esperando pelos nossos filhos, pra eles fazerem o mesmo que nós estamos fazendo, continuar a bandinha, pra quando nós falecer, eles ficarem no lugar da gente. O mesmo que a gente tá fazendo, a gente espera que eles façam também.

Antônio – E se nós entrar nesse milênio, e nós tiver com vida e saúde, nós entra fervendo com gosto de gás, né? Aí é que nós vamos tocar bonito porque nós entramos no milênio! (todos riem). Essa banda, ela é quente, ela não pode se acabar não! Cada vez mais, nós estamos reanimando ela, que é pra verse dá pra atravessar e chegar pelo menos na metade desse milênio. Eu acho que não, mas vamos ver, né? E nós estamos aqui, os Irmãos Anicete, trabalhando na nossa cultura, mas nós aceita qualquer convite. Muito obrigado.

Clarisse – *Alguém tem mais alguma pergunta?*

(Depois de uma pequena pausa, seu Raimundo pediu o gravador e começou a recitar poesias espontaneamente, seguido por seu Antônio)

Raimundo – Pois é... Eu me vendo assaranhado/eu faço tudo que desejo/eu pego a vaca e tiro o leite/bato o coalho e faço o queijo/e boto suspensório em cobra e camisola em caranguejo. (risos e aplausos)

Antônio – Eu também faço poesia, não é? Nós também "somo" poeta. Eu digo assim: No dia que eu ama-

nheço/ eu faço tudo o que entendo/ piso milho. penero massa/ faço pão, reparto e vendo/ fecho a casa, abro e tranco/ e faço o fogo, apago e acendo. Muito obrigado. (aplausos)

Antônio – Aí eu vou ter outra poesiazinha aí ó: A lua cheia, quarteirão, quarto minguante/ Nossa Senhora do manto, São Pedro, Menino-Deus/ Cristo nasceu/ Foi numa hora divina/ e São Cristão bateu no sino/ E a luz do sol apareceu (aplausos)

Raimundo – Ah, pois... Tá chegada a ocasião/ de cobra jogar cacetete/ urubu tirar diploma/ e dá carreta em azeite/ papa-vento dizer misa/ e galinha choca dá leite. (risos e aplausos)

Antônio – É a estrela D'Alva é bonita/ quando vem rompendo a aurora/ e as árvores do campo chora/ e o pássaro preto canta e grita/ e o soldado na gurita/ cobre a cabeça com os óio/ e corre um planeta no céu/ a estrela D'Alva é bonita. (mais risos e mais aplausos)

Igor – *E agora toca aí...*

Raimundo – Ah, pois... Nós vamos tocar um forrozinho da nossa autoria que o título é *Esquenta Muié...*